

O Convento do Carmo: um “lugar de memória” uno e múltiplo no Centro Histórico de São Luís-MA.

MARIA GORETTI CAVALCANTE DE CARVALHO*

Introdução

Ao pesquisar o Convento do Carmo¹, em São Luís - MA, observamos que existem razões que poderão esclarecer a compreensão deste “lugar de memória”, referente à sua construção, seus princípios e sua disposição para atender a cidade através de suas atividades e aos usos do espaço: pelos frades Carmelitas; pelo Corpo de Artilharia; pelo quartel do Corpo de Polícia; pela Biblioteca Pública; salas para as Aulas Régias de ensino

Secundário; pelo Liceu Maranhense, escola importante para a formação de intelectuais maranhenses; pelas aulas do ensino primário e secundário; por uma elite, para seu campo santo e, por último, ser adquirido pelos Frades da Ordem Franciscana, italianos da Província Lombarda para a Sede da Missão Capuchinha no Maranhão e Pará.

Atualmente, o Convento do Carmo ainda é um “lugar de memória” viva, visto que além de abrigar os Frades Capuchinhos brasileiros e italianos, está em:

[...] permanente evolução, aberta à lembrança e ao esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1981:9).

Os frades ainda realizam as atividades de assistência espiritual na comunidade; desenvolvem trabalhos sociais através da “Casa do Pão”, que oferece semanalmente alimentação à população carente. Abrigam um acervo de documentos, que fora organizado há mais de um Século: crônicas, cartas, relatórios anuais, Atas dos Capítulos da Diocese, fotografias, documentos de secretaria, livros, e um museu de arte sacra, referentes à história

¹ Por força de lei, passou à propriedade incorporada ao patrimônio nacional, desde que faleceu o último representante da ordem religiosa dos Carmelitas, em 1894. (Verbete de Antônio Lopes – AL/ ver em MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão**. 3.ed. São Luís: Edições AML, 2008.

*Doutorando em História pela UNISINOS/UEMA. Mestre em Educação pela UFMA. Professora Assistente II do Departamento de Educação e Filosofia da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. E-mail: goretticavalcante2008@yahoo.com.br

da Missão capuchinha no Norte e Nordeste do Brasil, que são “rastros, distância, mediação, uma história, uma reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (NORA, 1981:11).

A pesquisa foi desenvolvida a partir dos aspectos uno e múltiplo, para compreendermos a dimensão simbólica do Convento do Carmo. É um monumento que compõe o conjunto arquitetônico do Centro Histórico de São Luís – MA, importante “lugar de memória” da cidade. E que, apesar da diversidade de seus usos, não deixou de ser o Convento do Carmo, animando a espiritualidade e assistindo aos pobres da cidade.

Portanto, diante desta dinâmica, questionamos: como o Convento do Carmo atualiza-se em memória e se constitui como uma representação do passado, projetando-se para o futuro? E o que nos diz sobre as questões referentes à preservação da cultura da cidade? Como a cidade se identifica neste “lugar de memória”? E como se dá a sustentabilidade deste “lugar de memória”, considerando o acesso da população a uma história por ele representada? Enfim, como extrair deste patrimônio o conhecimento histórico? Em função disto, procuramos saber deste “lugar de memória”, que não é só local, mas nacional e internacional, os seus significados que não estão materializados, mas que estão ali. Neste passo, as interrogações feitas ao objeto, nas dimensões uno e múltiplo, poderão apresentar aquilo que o Convento do Carmo é, como monumento, como edificação, como instituição que se constitui de princípios fundadores de organização de trabalho, e de formação de uma identidade, e naquilo que é como espírito na multiplicidade de discursos altruístas à disposição da comunidade.

Precisamos de conceitos

Uma pesquisa histórica precisa de conceitos que iluminem a construção do fato para a produção do conhecimento histórico. E quais conceitos foram necessários para interrogarmos o Convento do Carmo, em São Luís – MA, como um patrimônio e como um “lugar de memória”?

Partimos do conceito de Cultura. Aqui podemos inferir que, “se esta significa cultivo, um cuidar, que é ativo daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre o

artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz” (EAGLETON, 2006:11). Cabe aqui, correlacionar ao Convento do Carmo a sua dinâmica de existência como resultado deste lançar-se ao mundo estando dentro dele.

O Convento fora construído numa “dimensão significativamente humana, bem como os meios culturais que foram utilizados” para a sua construção, considerando os princípios, as crenças, os objetivos que lhes são próprios. Para determinados usos, constituindo-se de formas culturais, “construídas com base no incessante tráfego com a natureza que chamamos de trabalho” (EAGLETON, 2006:12), o Convento é um produto de uma cultura. Segundo Eagleton (2006:12), esta cultura pode ser compreendida como forma de sujeito universal agindo dentro de cada um dos seus construtores: aqui podemos exemplificar a Religião e o carisma dos frades Carmelitas em meio aos aspectos políticos e sociais, e depois dos frades Capuchinhos italianos; a presença contra reformista para a organização urbana da cidade de São Luís.

A presença do Convento do Carmo, como um monumento, evoca um passado, que é “uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana” (HOBSBAWM, 1998:22). E neste passo, está imbricada a “tarefa do historiador que é pensar historicamente a sociedade” (PETERSEN, 2013:10), ao analisar o “sentido” do passado, partindo dos seus monumentos.

Buscamos orientações para compreendermos a memória coletiva (HALBWACHS, 2006:159) quando tratamos de um lugar que recebeu a marca de um grupo, e vice-versa. É que, segundo o autor, todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Nas trajetórias históricas de indivíduos, acontecimentos graves mudam as relações do grupo com o lugar, visto que “a partir desse momento, este não será mais exatamente o mesmo grupo, nem a mesma memória coletiva e, ao mesmo tempo, o ambiente material também não será mais o mesmo” (HALBWACHS, 2006:160).

Sugerimos que, para a compreensão dos “lugares de memória”, seja necessária a ideia de ciência criadora (KUHN, 2007:109), onde os pesquisadores, num “mundo desordenado” precisam da “tensão essencial” implícita na pesquisa científica, que aqui se correlaciona à pesquisa histórica. E então, faz-se necessário um pensar criativo com possibilidades de descolar os conceitos dos “lugares de memória”, dos documentos, dos monumentos, do Patrimônio Cultural, das paisagens de uma cidade, dos valores, da cultura, etc.

Procuramos enfrentar um mundo desordenado em um “lugar de memória” para pensarmos o conhecimento histórico “não mais através de seus produtos, mas de seus processos” (Kuhn, 2007:109): da reconstrução de um passado; da “memória viva”² do Convento do Carmo, e como este corrobora para a “consciência coletiva”³ da urbe. Neste viés, o objeto é construído e não representado. Aqui, buscamos uma história que apresentasse materiais possíveis para explicarem a cidade, as instituições religiosas, os conflitos e o altruísmo do Convento do Carmo na sociedade e no Estado. Buscamos uma força de memória que se efetiva como “um elo vivido no eterno presente”⁴ e como cultura da sustentabilidade de um patrimônio cultural.

Nesta perspectiva, procuramos extrair história do Convento do Carmo, partindo de conceitos que pudessem dialogar Cultura, gerada pela interação nas dimensões uno e múltiplo, que se consubstancia com o conceito de Memória para a compreensão de um Patrimônio, legado de uma cultura que “permitiu ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar esse meio ao próprio homem, suas necessidades e seus projetos” (CUCHE, 1999:10).

Contextualizando o Convento do Carmo, em São Luís-MA.

O Convento do Carmo é um monumento que está na história e na memória viva da cidade de São Luís - MA, desde o Século XVII, como patrimônio de uma cultura nacional que “vem da alma, do gênio de um povo. [...]. Patrimônio de uma nação, considerado como adquirido definitivamente e fundador de uma unidade” (CUCHE, 1999:29). Portanto, na busca de compreender este objeto precisamos contextualizá-lo, situando-o no âmbito de outra história, a da cidade de São Luís⁵ do Maranhão.

² Ver conceito em NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto Histórico**. São Paulo: PUC, 1981.

³ Durkheim defendia que “existe em todas as sociedades uma “consciência coletiva”, feita das representações coletivas, dos ideais, dos valores e dos sentimentos comuns a todos os seus indivíduos. E que esta consciência coletiva precede o indivíduo, impõe-se a ele, é exterior e transcendente a ele; há descontinuidade entre a consciência coletiva e a consciência individual” ((CUCHE, 1999, p.57)).

⁴ Conceito de Memória, como um fenômeno sempre atual. (NORA, 1981).

⁵ **Capital do Maranhão**, Cidade insular solenemente fundada em 8 de setembro de 1612 pela expedição francesa ao comando de Daniel de La Touche, senhor de La Ravardière, com a denominação que até hoje tem, e que foi homenagem ao então rei menino, conforme relato do frade capuchinho Claude d’Abeville, que em sua *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*[...] afirma , que o nome da cidade foi conferido em homenagem a Luís XIII. [...] Em 6 de dezembro de 1997 São Luís foi considerada pela

Em 1627, os frades da Ordem de N. Senhora do Carmo⁶ construíram o atual Convento no Largo do Carmo, Centro de São Luís. Mas, bem antes, em 1615, o convento velho fora construído em outro lugar próximo do atual, quando da expulsão dos franceses. “Por ordem do Rei ibérico, o General Alexandre de Moura foi incumbido de retirar definitivamente os gauleses, no dia 1º de novembro de 1615” (LACROIX, 2012:19). Os franceses foram expulsos de São Luís-MA. La Ravardière rendeu-se. Segundo Lacroix (2012), pelas cartas de sesmarias, os habitantes da nascente cidade, que nascia sob o domínio português, deveria refletir um conjunto de elementos institucionais fundamentais na configuração mental e espacial da urbe.

Em consequência disto, providências importantes foram tomadas com urgência tanto para garantir a conquista do império colonial português, como para resguardá-la dos franceses. Para isto, a Igreja foi de suma importância no processo de fixação do colono a terra. Lacroix (2012) informa que, por este motivo o Comandante Alexandre de Moura, em 1615, marcou com exatidão os lugares para as igrejas e conventos dos Carmelitas Calçados da Ordem de Nossa Senhora do Monte Carmelo, Franciscanos, Mercedários da Sagrada e Real Ordem Militar de Nossa Senhora das Mercês e da Redenção dos Cativos e religiosos da Companhia de Jesus. Segundo a autora as edificações foram distribuídas no seguinte:

[...] os carmelitas edificaram a Igreja do Carmo. Os franciscanos ficaram à esquerda do Carmo, mais para o interior da Ilha. Os mercedários, próximo à praia do Desterro. Os jesuítas, no espaço da atual Igreja e do Seminário de Santo Antônio e a primeira freguesia de São Luís, a de Nossa Senhora da Vitória, criada em 1621. (LACROIX, 2012:22).

Na política de organização da cidade de São Luís, a Coroa portuguesa exerceu forte influência sobre os cuidados com a cidade, sobre o projeto de urbanização. É que a cidade de São Luís foi fundada com estratégias urgentes de organização urbana para evitar o plano de

Unesco Patrimônio Mundial. Ver em MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão**. 3.ed. São Luís: Edições AML, 2008.

⁶ Isto porque no ano de 1624 vieram de Pernambuco, em Companhia de Fr. Cristóvão de Lisboa, três frades da Ordem de N. Senhora do Carmo.

La Ravardière, que era o projeto de implantação de uma França Equinocial⁷, considerada por alguns pesquisadores como um mito fundador da cidade, uma “tradição inventada”⁸.

Em 1621, “São Luís foi elevada a capital do Estado do Maranhão e Grão-Pará, independente do Estado do Brasil, superintendendo todas as outras congêneres amazônicas”. (LACROIX, 2012:28). Segundo as pesquisas da autora, a cidade organizou-se administrativamente com um quadro constituído pelo governador e capitão general e, representando o monarca, um Conselho de Soberano com autoridade suprema civil, militar, criminal, presidindo as juntas da fazenda, da justiça e com autoridade para nomear pessoas para cargos importantes.

Este era o contexto no qual o Convento do Carmo e outras instituições começaram a desenvolver as suas atividades. Construídos pelo clero, estavam inseridos nos projetos religiosos, como a organização das missões e de espetáculos, das cerimônias e das festas religiosas. Cuidavam das suas fazendas e das escolas. Apesar de serem afetados, tempos depois, pelo descaso da Coroa, que impedia iniciativas importantes para a Cidade de São Luís, por esta ser sido o núcleo mais importante na defesa da região. Segundo Lacroix (2012:31), a parte espiritual acompanhada pela Igreja Católica – nascimento, vida, testamento, morte, sepultamento – se estendeu à vida social do colono, inclusive com distrações lúdico religiosas. Tudo girava em torno da Santa Madre Igreja.

O Convento do Carmo vivenciava a vida comunitária, desde o Século XVII, celebrando as missas, organizando procissões, festas natalinas, de Páscoa, velórios, assistência aos doentes e desvalidos. Era o que animava a vida da cidade. E assim, consolidava-se uma “cultura que vem da alma, do gênio de um povo. A nação cultural precede e chama a nação política” (CUCHE, 1999, p. 29).

Outro evento importante foi a invasão holandesa, em 1641. Os invasores eram reformistas e trataram de danificar parte das igrejas da cidade. Foram expulsos em 1644. “O Convento acolheu mulheres, crianças e peças de artilharia portuguesa e serviu de baluarte nas lutas de expulsão dos holandeses, que depredaram as suas torres e paredões” (LACROIX,

⁷ Mito fundador da cidade de São Luís. “Invenção de uma tradição”: mito da fundação francesa, celebrada em 1912, sobre a Missa rezada pelos padres capuchinhos no dia 8 de setembro de 1612, cerimônia de posse transformada séculos depois em símbolo de fundação. Ver em LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**. 3. Ed. São Luís: EDUEMA, 2008.

⁸ Segundo HOBBSAWM (1984, p.21), pode ser um sintoma importante e, portanto, indicador de problemas que de outra forma poderiam não ser detectados nem localizados no tempo. Elas são indícios.

2012:176). Segundo a autora, o prédio resistiu a todos os embates e seus sinos tocaram os repiques festivos da vitória, em 1643. Deteriorado e sem condições de reformas, o Convento do Carmo só foi restaurado em meados do Século XVIII, ganhando duas torres em 1808.

Segundo Marques (1999:377), durante a guerra contra os holandeses os frades do Convento do Carmo assistiram sempre nesta capitania, administrando sacramentos, doutrinando aos brancos e índios, animando-os, exortando-os para a expulsão do inimigo da fé, assistindo com seus gados para sustento dos moradores, servindo o seu convento de amparo aos desvalidos.

A Companhia de Jesus também se fez presente na organização da cidade (Século XVII). Conseguiram acumular riquezas, com o aproveitamento do trabalho dos índios, e exportar pelo Porto de São Luís. Mas, “a diferença entre a ganância do leigo e o poder empresarial do jesuíta consistiu no emprego individual e coletivo do lucro” (LACROIX, 2012:34). Foi uma contribuição significativa, visto que também foram protagonistas daquele momento histórico, no que se referem aos aspectos culturais. Introduziram os primeiros livros na cidade e implantaram escolas. Estavam juntos, carmelitas e jesuítas, em um mesmo projeto religioso, embora cada um vivenciasse os seus carismas peculiares.

Desse contexto, e considerando que a memória é viva e dinâmica, o problema de pesquisa está na memória⁹ do Convento do Carmo, em São Luís do Maranhão para que se possa responder: até que ponto este monumento, fundado pelos Frades Carmelitas, em São Luís (1615), é importante para a vida social e religiosa da cidade de São Luís-MA, desde o Século XVII, e o que se pode extrair da interação uno e múltiplo deste “lugar de memória”?

O Convento do Carmo

Considerando-se “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990. p.16), é que apresentamos o Convento do Carmo.

⁹ Aqui se trata do que chamamos de Memória, que segundo Nora (2003:15), “é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter a necessidade de lembrar”.

Em São Luís-MA (Século XVII), a atuação da Igreja católica configurava-se na missão catequética, procurando substituir as crenças nativas pela catequese e a prática curandeira pela medicina do colonizador.

Como já tratado, o primeiro Convento do Carmo foi construído em 1615, em um terreno doado pelo então Comandante Alexandre de Moura, sítio de Monsieur de Pineau¹⁰. Outro convento fora construído doze anos depois, porque o primeiro não suportou os descuidos e as dificuldades em mantê-lo habitável. Desta feita, a substituição do Carmo velho foi realizada por três frades carmelitas que vieram de Pernambuco, onde iniciaram os trabalhos de construção em 1627, no meio do matagal da Colina de Santa Bárbara. Hoje bem no Centro de São Luís, Praça João Lisboa, Largo do Carmo.

Anos depois, 1676, com o crescimento do Maranhão colonial, a cidade de São Luís foi elevada a bispado pela bula papal de 1676. Este fato tornou as atividades da Igreja bem mais sistemáticas e importantes. O Convento do Carmo corroborava com tal elevação. A Igreja do Carmo sempre foi muito frequentada pela sociedade da cidade de São Luís – MA. Mas, com o passar dos tempos as dificuldades foram surgindo.

Com a chegada dos capuchinhos italianos, outros elementos passaram a fazer parte da constituição da cultura do Convento, onde se efetivaram “trocas culturais” na complexidade dos “fenômenos de empréstimos”. Neste passo, “as modalidades de empréstimos dependeram ao mesmo tempo do grupo que deu e do grupo que recebeu” (CUCHE, 1999:70). Nesta perspectiva, os capuchinhos continuaram a viver, “como uma repetição religiosa daquilo que sempre foi feito, numa identificação carnal do ato e do sentido”¹¹ no Convento carmelita.

Inferimos que na proposta de compreendermos o Convento do Carmo nas dimensões do uno e do múltiplo, há de se examinar o seguinte conceito de Durkheim: que “os fenômenos sociais têm necessariamente uma dimensão cultural, pois são também fenômenos simbólicos”¹² (CUCHE, 1999:52). Aqui podemos arriscar em dizer que o Convento é uma conjugação de todas as atividades humanas, ali desempenhadas. É uma complexidade que se

¹⁰ Correspondente à Rua do Egito, no local onde hoje está a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Ver em LACROIX, Maria de Lourdes. **São Luís: corpo e alma**. São Luís: Gráfica Santa Marta, 2012.

¹¹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto Histórico**. São Paulo: PUC, 1981.

¹² Durkheim não sistematizou uma teoria sobre cultura. “Sua reflexão sobre cultura não forma um conjunto unificado. A preocupação central de sua obra era determinar a natureza do vínculo social”(Ver em CUCHE, 1999:56).

constituiu mobilizando princípios internos com a complexidade do mundo exterior, da vida da cidade.

O Convento sempre esteve “em si” e “para si”. Tanto na ordem social, como na preservação de princípios fundadores de sua história. É ao mesmo tempo egoísta e altruísta. Mas, a manifestação do Convento dividida entre a comunidade urbana de São Luís – MA sempre foi a condição de existência daquele “lugar de memória”. A sua atualização institucional está na dimensão de uno e múltiplo. Pertence a uma unidade de valores cristãos propagados pela Igreja católica, e a interação com estes valores proporcionou uma edificação e todas as suas dinâmicas de funcionamento constituindo-se, portanto, em contexto de fenômenos sociais. O simbolismo que está contido no Convento do Carmo traduz uma unidade de valores e fundamento de suas atividades, o que proporcionou os seus usos historicamente efetivados.

O Convento Uno e Múltiplo

Foi necessário analisarmos as Ações dos sujeitos históricos. Em função dessa análise, Thompson (1981) orienta que estas ações só podem ser explicadas em seus contextos, e que há de se considerar as experiências individuais e coletivas. No caso do Convento do Carmo, as ações ali vividas pelos religiosos animavam a fé da comunidade e garantiam a sustentabilidade de sua existência na cidade de São Luís – MA. “Instalados os frades, deram começo aos seus trabalhos evangélicos, com muito serviço a Deus, muito proveitoso aos nossos antepassados, e muita glória para a sua Ordem” (MARQUES, 2008:376). Sempre realizaram atividades fundadas em princípios religiosos cristãos da Igreja Romana, apesar de compartilharem o prédio com outras instituições.

Além de todas as atividades já relacionadas, referentes à assistência espiritual e social da comunidade, vejamos outras ações compartilhadas: até 1829, foi sede de Artilharia Imperial; em seguida, na parte térrea funcionou o Corpo Policial de Segurança Pública. Já em 1831 acolheu a primeira Biblioteca Pública da cidade de São Luís. Após a saída da Segurança Pública, o local sediou o Liceu Maranhense, 1838. “Cedeu também espaço para o jornal opositor do governo, visto que era um centro de larga irradiação intelectual” (LACROIX, 2012:177).

Outro ponto relevante refere-se ao campo santo na Igreja do Convento do Carmo. Segundo Lacroix (2012:177), entre 1820 e 1830 o maior número de sepultamentos aconteceu na Igreja do Carmo. À época, ser sepultado naquele lugar significava status, pela grandeza que a cidade lhe conferia.

Ainda segundo a autora, passados os tempos áureos, o processo de decadência refletiu na Ordem Carmelita, impedida de receber noviços. Paulatinamente reduzido o número de frades, os trabalhos comunitários também arrefeceram.

O único frade sobrevivente, diretor reformou a igreja e administrou os bens da Ordem – um hospício no Bonfim, 237 escravos, 7 fazendas, 24 léguas de terras, 640 cabeças de gado vacum e cavalos e olarias – até o seu falecimento, em 1891, ocasião em que o governo federal tomou posse do complexo carmelita, um ano depois, entregaram à Diocese somente a igreja (LACROIX, 2012:177).

Com a chegada dos frades capuchinhos da Província Lombarda – Itália, em São Luís – MA (1893), surgiu a possibilidade de mais uma ocupação no Convento. A convite da Diocese, os capuchinhos ficaram hospedados no Seminário Santo Antônio. Mas, em 10 de outubro de 1894, Frei Carlos de San Martino Olearo - Superior dos capuchinhos, se transferiu para o Convento do Carmo, onde tomaram posse na condição de depositários de uma propriedade federal. Em 1912, aqueles frades o adquiriram definitivamente¹³, tornando-o Sede da Cúria Custodial e de toda a Missão. Segundo Zagonel (2001:110), Convento e Cúria foram, posteriormente, restaurados e reinaugurados em 1962. E que a igreja anexa ao Convento “Santuário de Nossa Senhora do Carmo” assistiu a um movimento religioso significativo, onde até hoje os fiéis participam ativamente.

O Convento do Carmo sofreu algumas adaptações, visto que os frades capuchinhos italianos traziam outros modelos culturais. Traziam costumes, ideias, princípios religiosos cristãos, envolvidos em um carisma muito particular – o franciscano, que exerceu uma função muito importante nas atividades da Missão Capuchinha, através de um jeito próprio de trabalho, como uma singularidade. Trataram de entronizar as suas memórias vivas no Convento. Fato evidenciado por quem o visita, pois constata os elementos da cultura europeia: jardins e horta esteticamente cuidados no claustro do Convento, o idioma, as peças de arte sacra e outros. Segundo as articulações teóricas de Cucho (1999), cada cultura constitui um todo coerente, todos os elementos de um sistema cultural se harmonizam uns aos

¹³ Naquele ano de 1912, “os Capuchinhos – Frei Estêvão, Superior regular, Frei Daniel secretariando, num leilão público realizado no Rio de Janeiro, conseguiram adquirir a propriedade legal do mesmo convento”. (GIANELLINI, 1993:111).

outros, o que torna todos os sistemas equilibrados e funcionais. Neste sentido, o Convento do Carmo continuou a viver sua memória, na dialética da complexidade de sua existência e na unidade de sua essência. Outras atividades foram realizadas.

Os capuchinhos construíram ao lado do Convento do Carmo uma importante obra social, a “Pio XII”, sob a responsabilidade da construção, pelo Frei Policarpo de Mutamba, em favor dos “Pequenos Jornaleiros”, que infelizmente teve de ser fechada por seus Superiores nos anos de 1967/1968, por motivos morais e por falta de adequada assistência religiosa¹⁴.

Em 1978, foi construída a Policlínica “Nossa Senhora do Carmo”, com 02 Consultórios Médicos, 04 Gabinete Dentário e a Escola de Datilografia, aos quais, pouco mais tarde, se acrescentou 01 Laboratório de Análises Clínicas e 01 Cursinho Preparatório ao Vestibular. Todos os atendimentos tinham a cooperação dos Acadêmicos de Medicina e de Direito da Universidade Federal do Maranhão, integrantes da JUFRA – Juventude Franciscana, fundada por Frei Oswaldo Coronini (GIANELLINI, 1993:50).

Portanto, o Convento do Carmo vivenciou o “processo de integração”, de todos os sujeitos que ali fizeram história, “pela interiorização dos modos de pensar, de sentir e de agir, ou seja, dos modelos culturais próprios a esta sociedade” (CUCHE, 1999:102). O Convento tornou-se patrimônio de sua comunidade, produzindo sua identificação com a cidade de São Luís-MA. Hoje o Convento do Carmo, em São Luís do Maranhão, vive uma dialética na complexidade de sua memória com outros tempos; outros estados culturais.

Considerações finais

Que desta pesquisa, encontramos alguns pontos que poderão motivar futuras discussões. Que o Convento do Carmo atualiza-se em memória viva, animada por princípios religiosos cristãos, acompanhando a dinâmica social por todos esses séculos. Atualmente, as atividades do Convento e da Igreja do Carmo ainda animam a vida espiritual e as ações sociais na comunidade. Vivendo uma...

Memória afetiva e mágica, que não se acomoda a detalhes que a confortam; uma memória que se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura e projeções (NORA, 2003: 9).

¹⁴ Ver em GIANELLINI, Gentil. **Saíram para semear...** e já faz em anos que a semente caiu em terra boa. Gorle: VELAR, 1993:50.

O Convento constitui-se como uma representação do passado através dos seus discursos críticos, porque há uma necessidade de consagrá-lo, de torná-lo patrimônio e história. Neste item, as questões referentes à preservação da cultura da cidade estão na dimensão uno e múltiplo; história e memória.

A cidade se identifica neste “lugar de memória”, implicando na sua sustentabilidade, quando também vive “uma memória, sempre carregada por grupos vivos” (NORA, 2003:9), pelo acesso da população a uma história por ele representada. O que este monumento ainda nos diz, referem-se às possibilidades de discussões sobre a importância dos monumentos históricos, patrimônios culturais. Diz-nos que conhecer histórias de “lugares de memórias” significa uma busca na compreensão de seus cenários, seus processos históricos e seus valores.

Buscar as dimensões uno e múltiplo do Convento do Carmo foi tentar compreender um vínculo social através daquilo que ele é, como instituição religiosa, cujos princípios fundantes lhe conferem uma identidade, interagindo com um “lançar-se ao mundo estando dentro dele” desta instituição. Foi compreender tal complexo como possibilidade de interação geradora de cultura – suprasumo da humanidade, produto gerador de vida social, política, religiosa. E por consequência disto, o usufruto de condições de vivências sociais, políticas, religiosas, científicas, e convivência cósmica sustentável.

Até hoje, o Convento do Carmo continua desenvolvendo as suas atividades referentes à assistência espiritual na comunidade e ações sociais junto aos doentes e pobres da cidade. Está envolvido na programação religiosa da Cúria Metropolitana; da Secretaria do Turismo; da Secretaria de Cultura, mantendo a tradição das festas religiosas do ano; realizando casamentos, batizados; mantendo as celebrações diárias das missas; abrindo os seus arquivos ao público; e outras atividades relacionadas à memória viva. Mas, “os costumes locais resistem às forças que tendem a transformá-los e essa resistência permite entender melhor a que ponto nesse tipo de grupo a memória coletiva se apoia nas imagens espaciais” (HALBWACHS, 2006:162).

Extraír deste patrimônio cultural o conhecimento histórico foi reviver um passado, apartando-o do esquecimento, buscando uma força de memória. Não para defender crenças, valores ou ideologias, mas para ver através dessas possibilidades uma medida significativa para o trabalho criativo do pesquisador que queira vivenciar a singularidade na construção do seu objeto. É que pesquisar um monumento, um patrimônio, uma instituição implica abri-los à

crítica, e compreendê-los na sua condição de estarem fechados à negação do fato e na sua memória vivida.

Enfim, reconhecer que na produção do conhecimento, a partir da história do Convento do Carmo, implicou o seu valor no processo histórico, e não no produto – uma edificação situada no Centro Histórico de São Luís-MA. Não para julgar os fatos, mas para compreendê-los na força de uma memória.

Portanto, que dessa pesquisa possa ficar mais uma história na história que a contém.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados. V.5 n. 11. São Paulo jan. / abr. 1990.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- GIANELLINI, Gentil. **Saíram para semear...** e já faz em anos que a semente caiu em terra boa. Gorle: VELAR, 1993.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOBSBAWM, Eric. **O sentido do passado**. In: *Sobre história*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- KUHN, Thomas S. A. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **São Luís do Maranhão – corpo e alma**. São Luís, 2012.
- MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão**. 3.ed. São Luís: Edições AML, 2008.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto Histórico**. São Paulo: PUC, 1981.
- PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Introdução ao estudo da história: temas e textos**. Porto Alegre: Edição do autor, 2013.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

ZAGONEL, Frei Carlos Albino. **Capuchinhos no Brasil**. Porto Alegre, RS: Editora EST, 2001.